

ENTREVISTA

Padre César Augusto dos Santos

“Anchieta não impôs uma religião aos índios, mas procurou colocá-los diante do amor de Deus”

— Jesuíta defensor da causa do beato Anchieta no Vaticano conta detalhes sobre a canonização do santo que morreu em terras capixabas e teve um dos processos mais demorados da história

ELTON LYRIO
emorati@redgazeta.com.br

PATRICIA SCALZER
pascalzer@redgazeta.com.br

A Igreja Católica está próxima de declarar santo pela primeira vez alguém que passou parte da vida e morreu em terras capixabas. No início de abril, o jesuíta espanhol José de Anchieta (1534-1597) vai ser canonizado pelo papa Francisco, encerrando um dos processos mais longos da história.

Natural de Barra do Piraí (RJ), o jesuíta César Augusto dos Santos, 68 anos, diretor do Programa Brasileiro da Rádio Vaticano, acompanha a causa de perto desde 1996. Ele atuou como vice-postulador – espécie de defensor – da canonização de Anchieta, junto à Santa Sé e fez mestrado sobre a vida do novo santo.

A canonização vai acontecer pela assinatura de um decreto papal, o que pode acontecer no próximo dia 2. Junto a Anchieta, serão canonizados um padre e uma freira, ambos franceses, que atuaram no Canadá. Uma missa em ação de graças pelos três santos será celebrada em Roma dia 24 de abril.

O processo de canonização do beato Anchieta é um dos mais longos da história. Foram 417 anos de espera. Por que demorou tanto?

Demorou porque sofreu várias interrupções. Começou logo que ele morreu (1597), mas o papa Urbano VII (em 1634) assinou um decreto de que qualquer processo só poderia começar 50 anos depois da morte do candidato. Foi a primeira interrupção. Depois faltou dinheiro e parou de novo. Depois o processo continuou e tivemos um momento mais importante

com a declaração das virtudes heroicas. Logo depois, a Companhia de Jesus foi expulsa de Portugal e de suas colônias e extinta do mundo todo pelo papa Clemente XIV (1730-1740). Ficou 40 anos sem existir e depois, quando ela voltou (1814), levou um tempo para voltar ao Brasil e mais tempo para retomar esse processo. Foram mais de 130 anos de paralisação. Também recentemente o escritório da associação que trabalhava muito para isso foi fechado por questões administrativas. Isso não interrompeu o processo, mas diminuiu bastante a velocidade. Até que ano passado, dom Raymundo Damasceno, presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), pediu ao papa a canonização, em nome dos bispos do Brasil. O processo que aparentemente era de 417 anos, na verdade foi de 200.

O papa Francisco dispensou a comprovação de um milagre atribuído ao padre Anchieta. Isso é comum?

Estamos acostumados a dizer que é preciso um milagre para beatificar e outro para canonizar. É verdade, mas, além disso também tem a amplitude da devoção. Ela foi usada no caso de Anchieta. Fiz todo um trabalho, pesquisei e podemos dizer que em cada Estado há pelo menos 50 pessoas devotas e multiplicadoras dessa devoção. A pessoa ter uma devoção em todo esse território é alguém de fato reconhecido pela sua santidade. O papa deixou de lado o milagre, mas olhou a amplitude, que é outra possibilidade prevista para canonizar alguém.

Por que o beato Anchieta vai se tornar santo? Pelo trabalho de evangelização ou pela vida?

“

Anchieta tinha lá em Reritiba o seu lugar carinhoso. Ele fundou a povoação e ali, de fato, procurou passar seus últimos dias. Ele também gostava de ir aí na Penha (Convento), que ainda não era no alto”

É por causa da vida que ele teve em santidade. Toda a vida de Anchieta mostra alguém que colocou Deus e o amor ao próximo em primeiro lugar. Desde que ele chegou jovem ao Brasil, durante toda a sua vida até o momento da morte ele jamais pensou em si. Mostrou que tinha uma fé inabalável, uma grande esperança na ação de Deus, uma caridade muito profunda. Ser santo é ser declarado como um grande sinal do amor de Deus.

Como foi o trabalho de vice-postulador da causa de Anchieta?

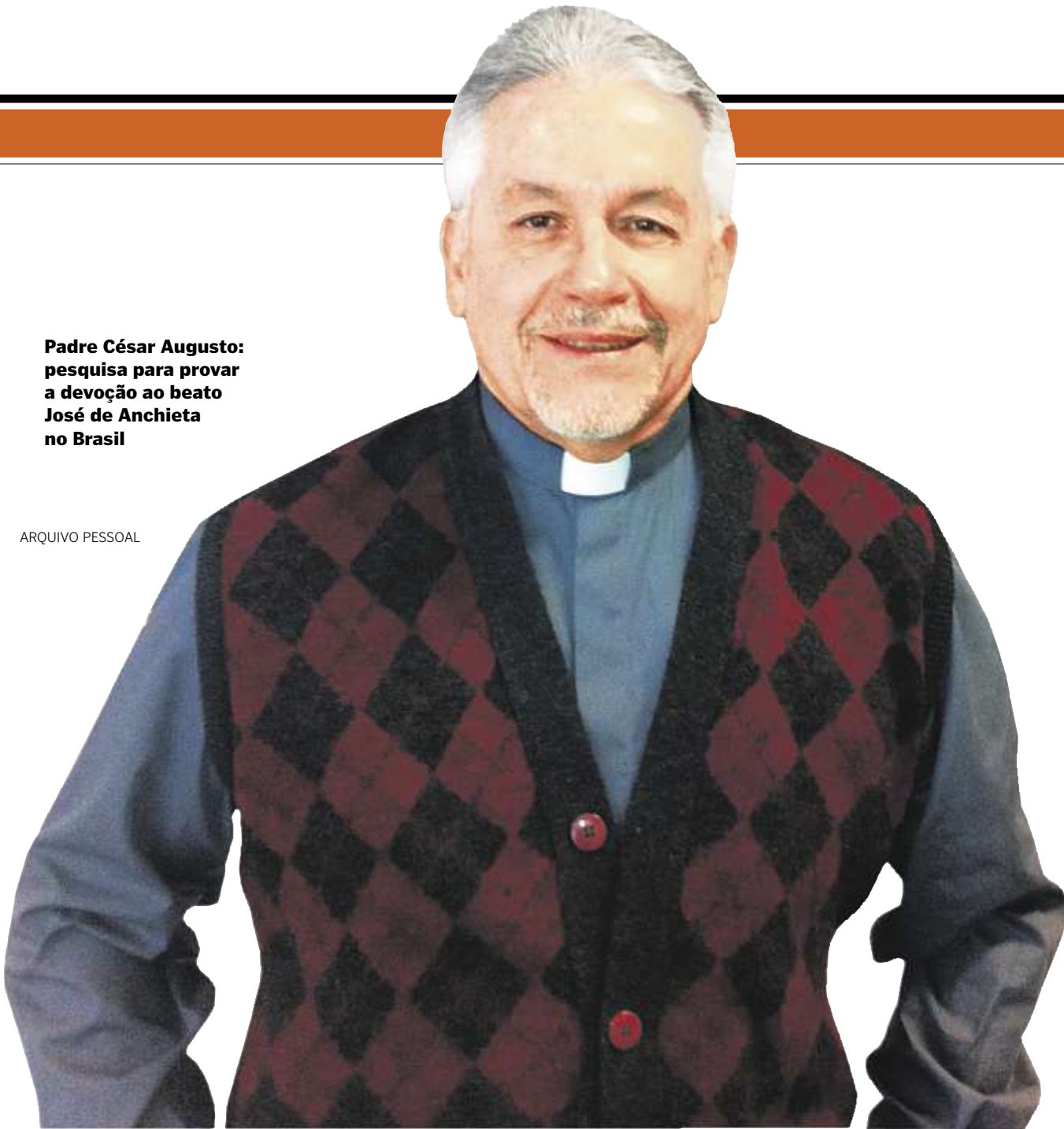
Eu tinha de divulgar a devoção ao padre Anchieta. Andei muito pelo litoral paulista, fui a muitas cidades do Brasil, também nas Canárias, e fiz muitas visitas a Anchieta, no Espírito Santo. Minha função era celebrar missas, fazer homilias, incentivar o povo a “na hora do aperto” recorrer a Anchieta. Quando havia algum sinal de milagre ia ver como era, perguntava sobre a documentação, exames, consultas médicas e tudo isso. Via se era milagre ou não, se era uma grande graça. Além de divulgar imagens, santinhos, a missa cada dia nove do mês. Com o pedido de dom Raymundo e a consulta do papa ao cardeal Amato (responsável pelas canonizações), padre Vitzwer (postulador-geral dos Jesuítas), constituiu um grupo, do qual eu fiz parte. Fomos responsáveis por ver tudo que aconteceu depois de 1980. Nessa parte foram dois meses de trabalho.

Com a canonização a tentativa de provar os milagres atribuídos a José de Anchieta continua?

Não. Até pode, se alguém vier e disser que tem tal milagre a gente pode ana-

Padre César Augusto: pesquisa para provar a devoção ao beato José de Anchieta no Brasil

ARQUIVO PESSOAL



lisar porque isso é importante, mas não mais para a canonização. Eu estava trabalhando em três possíveis milagres, que tive de deixar de lado para entrar na questão da amplitude da devoção. Temos padre Anchieta como um grande intercessor junto a Deus. Se em vida ele alcançava muitas coisas importantes junto de Deus, quanto mais agora.

Algum dos milagres em que vinha trabalhando é do Espírito Santo?

Sim. Os outros eram de Goiás e de Minas Gerais.

Pode dar mais detalhes?

Posso falar por alto dos três. Eram relacionados à saúde. Um a problema pulmonar. O outro a um acidente que foi miraculoso – o veículo ficou em petição de miséria, e a pessoa saiu ilesa. O terceiro é uma cura de órgãos internos. Para a Igreja dizer que há milagre precisa da declaração do médico dizendo que não havia possibilidade de cura, que houve uma cura inexplicável. Depois as radiografias, os exames. Nem sempre as pessoas têm isso. Às vezes elas não deram a devida atenção, jogaram fora, deixaram no hospital. Nem sempre as pessoas nos procuravam logo após a cura. Às vezes levavam alguns anos.

Padre Anchieta é uma figura envolta em mitos e lendas. Como foi o trabalho de separar o fantasioso do real?

Isso foi muito difícil. Quando eu comecei a entrar nas questões do padre Anchieta via muitas coisas fantásticas. A gente sabe que ninguém faz milagres em seu próprio benefício. O milagre é feito em benefício

O RELATÓRIO

488 páginas

tem o "Posicio", livro que o jesuíta ajudou a elaborar, entregue ao papa em janeiro. Lá há registros sobre a história, a devoção e possíveis milagres.

de alguém. E tinha algumas coisas do padre Anchieta que você falava "Meu Deus, mas isso ajudou a quem?". Eu procurei muitos padres que me antecederam na causa, mas infelizmente eles estavam mortos. Eu só tinha os escritos deles. Precisava de também de alguém que me contestasse. Sabia que não podia acreditar em tudo, tinha de questionar muitas coisas. Aí resolvi fazer mestrado. Voltei à faculdade e levei quatro anos para fazer o mestrado sobre o Brasil no período colonial, mas estudando a vida do Padre Anchieta. Isso me ajudou muito a questionar e a fazer essa separação.

Quais seriam essas histórias imaginárias?

Uma que eu sempre conto e me deixei impressionado. Padre Anchieta estava numa embarcação com indígenas, de repente essa canoa virou e o padre Anchieta não subia. Os índios subiam e ele não subia. Aí foram atrás dele e ele estava sentado no fundo do rio rezando o Breviário (risos). Pelo amor de Deus!

Para mim era muito difícil entender. Não que não fosse possível, tudo é possível para Deus. Mas qual seria o benefício? Uma coisa é quando ele estava na praia em Bertioga (SP), viu uma baleia brincando com uma embarcação que poderia virar e o pessoal morrer afogado. Então, de fato ele deu uma ordem para a baleia: "Vai embora", e ela foi. Mas isso para salvar as pessoas. E outros fatos assim... O milagre é exatamente em favor das pessoas.

Como era a relação do padre Anchieta com o Espírito Santo e com a cidade que hoje leva o nome dele?

Padre Anchieta sempre gostou de lugares próximos à praia e lugares simples. Certamente ali ele teve também grandes amizades, inclusive a família Azeredo, naquela época grandes amigos dele, que ia até passar o final de semana na casa dessa família. Ele tinha lá em Reritiba o seu lugar carinhoso. Ele fundou a povoação e ali, de fato, procurou passar seus últimos dias. Depois também aí na Penha (atual Convento), várias vezes ele foi ali embaixo – não era lá em cima ainda – visitava e conversava com o frei. Reritiba é um lugar que de fato é um "descanso do guerreiro". Ele quis ir ali para ficar mais próximo de Deus e das pessoas simples que ele amava. Ali ele entregou a alma a Deus.

E a relação do padre Anchieta com os índios. Há muitas contestações nesse ponto. O que historicamente é comprovado. A que conclusão os senhores chegaram?

Ele foi um grande defensor dos in-

Dedicação para transmitir as notícias da Santa Sé

▄ O padre César Augusto dos Santos é responsável pelo Programa Brasileiro da Rádio Vaticano, a agência de Notícias da Santa Sé. Jesuíta desde 1966 e ordenado em 1975, ele está há seis anos na função em Roma. "É um trabalho que de fato realiza porque você está a serviço do santo padre, mandando para o Brasil notícias relacionadas ao papa e à Igreja. Além das notícias de uma parte do Brasil para o Brasil inteiro", conta. No país, padre César Augusto atuou com jovens em colégios jesuítas e pregando retiros espirituais, além de atuar junto a casais. Também trabalhou no Pateo do Collegio, em São Paulo, onde, em 1996, começou a trabalhar como vice-postulador da causa.

dígenas. Inclusive, se negava a ouvir a confissão de algum branco que ele sabia que tinha maltratado um índio, se soubesse que esse branco não se arrependia e não tivesse reparado o mal que havia feito. Há também algumas homilias dele muito duras em relação a esses que maltratavam indígenas. O relacionamento dele era muito grande. Por outro lado, ele era bem duro com os índios. No sentido de que ele sabia que tinha de falar forte, porque se ele não falasse forte em algumas situações os índios iam achar que ele era fraco. Ele entrou na psicologia indígena de ser firme, mas com carinho. E quando os índios percebiam essa firmeza eles obedeciam pensando: esse homem tem poder. A morte dele também mostra o grande carinho. Ele jamais permitiu que alguém o carregasse. Sempre andava a pé ou de barco. Quando ele morreu, os índios carregaram o corpo de Anchieta até Vitória vão dizendo "não pesa". Uma multidão de índios fez o enterro dele até Vitória. Ele era muito querido. O que a gente tem de comprovação histórica é um grande amor e um grande carinho pelos indígenas.

Para o senhor, qual o legado que padre Anchieta deixou para a Companhia de Jesus?

Esse legado é muito grande também para o Brasil. Se hoje nós temos uma única língua, o português, devemos a ele que quando fez a gramática da Língua Tupi facilitou os colegas dele, jesuítas, a evangelizar na língua indígena. Até a época do Marquês de Pombal (1699-1782), o tupi era falado em casa, na refeição, na intimidade da família, e o português só nos lugares oficiais. Pombal proibiu o tupi e adotou o português. Todo mundo falava o tupi e depois passou a falar o português. Depois, a luta contra os franceses, os calvinistas, isso fez com que o país não ficasse dividido. E o mais importante não só para os jesuítas, mas também para a Igreja: ele é o ícone da evangelização da América e especialmente na Companhia de Jesus. Ainda novo ele olhava os índios com muito carinho, percebia o que os interessava e fazia aquilo que passasse o evangelho para eles. Ele não impôs uma religião, mas procurou evangelizar e colocá-los diante desse carinho e desse amor de Deus.